

Este é
Grossinho
O próximo é
Fininho

Porandubas

Conheça Maurício
Tragtenberg
(p. 4 e 5)



„porá duba: informação. "causo" (em língua tupi)

Jornal da Comunidade Universitária - PUCSP Ano VIII — 9/Maio/1984

DIRETAS PRA REITOR

PARECE QUE DESTA VEZ VAI. As eleições diretas pra Reitor, que neste ano se realizam pela 2ª vez na PUC - começam a sair dos entretantos (desde sondagens, reuniões, programas, até despistes, biombos e boatos), para chegar a algo mais substantivo. Assim, através da grande imprensa já houve duas manifestações concretas: artigo de Galeno de Freitas acerca do prof. Luís Wanderley e uma análise de professores da FEA (acf. íntegra na pág. 2 desta edição). E para "chancelar" e acelerar o processo, acaba de sair uma carta de D. Paulo Evaristo tratando da democracia da PUC (cf. página 2).

De agora em diante, o Conselho Comunitário retorna às luzes do palco, já que este colegiado é o encarregado de articular nosso processo sucessório interno. Dia 9/5, quando saía a presente edição, o CECOM analisou uma proposta de normas e calendário de atividades até o dia da eleição (que será em agosto). Uma novidade é que brevemente haverá uma prévia em que a comunidade se manifestará acerca de possíveis candidatos (que devem ter no mínimo o título de Doutor).

Espera-se que este processo seja o mais pedagógico possível, já que dentre aqueles que voltaram para reitor em 25 e 26 agosto/80, apenas cerca de 7.000 pessoas (ou 30%) ainda estão na PUC. É fácil concluir que se não houver amplo envolvimento desde JÁ, este evento único na Universidade Brasileira poderá ser reduzido a mera aparência de democracia.

Forum na Economia

Entre os dias 9 de maio e 4 de junho o Depto. Economia promove um FORUM DE DEBATES, enfocando nossa realidade econômica e o ensino de Economia. Eis a programação:

• 9/5 - TEORIA ECONÔMICA EM CRISE - 20 h., sala 229. Debatedores: Luiz Gonzaga Beluzzo, Francisco de Oliveira, Plínio de Arruda Sampaio Jr.

• 14/5 - BRASIL E O FMI - 20h., sala 134. Debatedores: João Manoel Cardoso de

Mello, Paul Singer e Márcio Percival Alves Pinto.

• 17/5 - OS RUMOS DA ECONOMIA BRASILEIRA - 9h., sala 134. Debatedores: Antonio Kandir, Paulo Sandroni, Luis Medeiros.

• 21/5 - REFLEXÕES SOBRE O CURSO DE ECONOMIA (DIFERENTES EXPERIÊNCIAS CURRICULARES) - 20h., sala 134. Debatedores: Luciano Coutinho, Sílvia Schor, Liana Aureliano e Rui Affonso.

“NOVA MULHER”

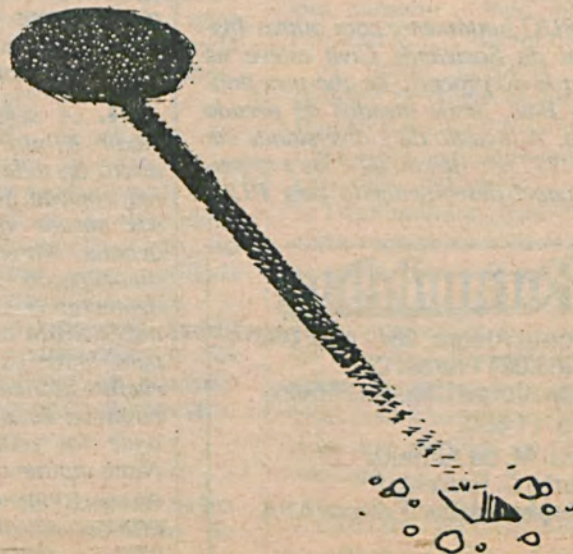
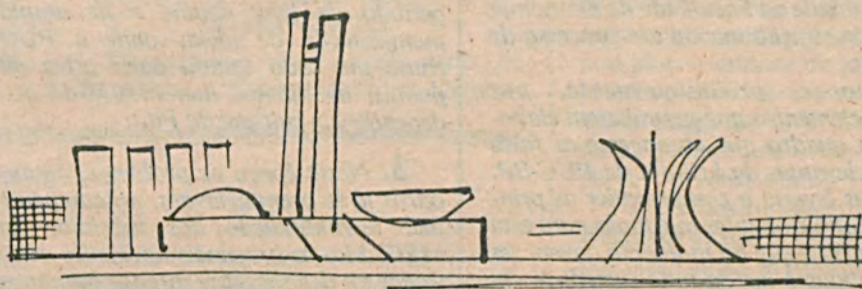
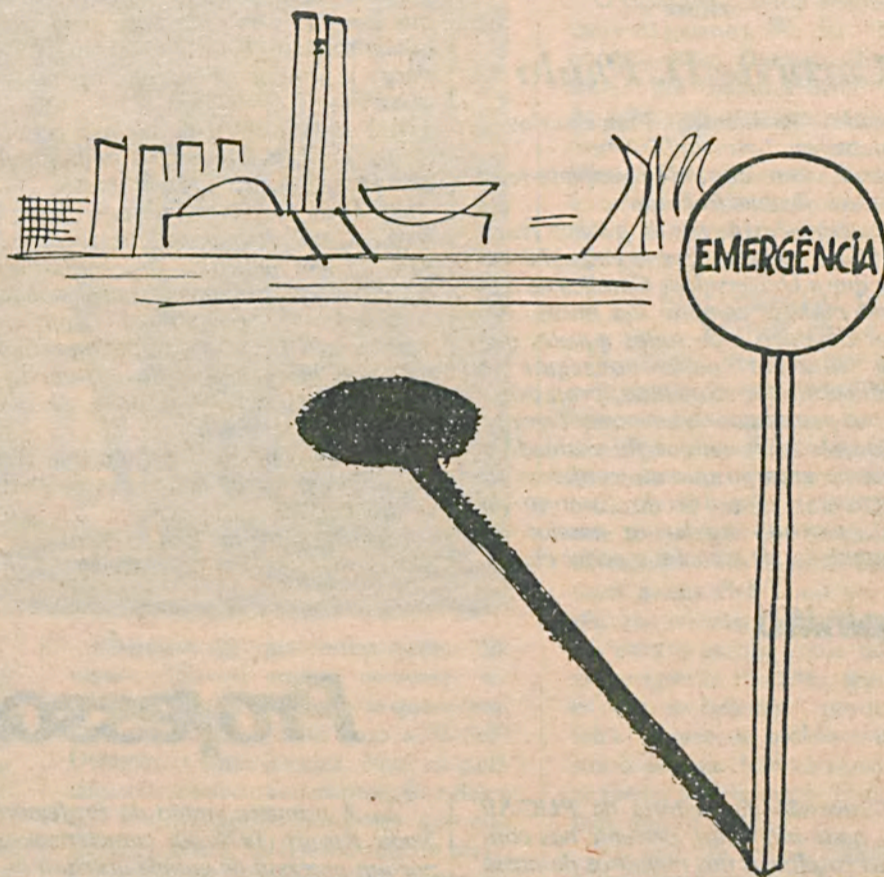
INSTITUTO DE BELEZA

• Promoção de Segunda a Sábado

• Brindes para quem levar este jornal ou documento da PUC

SHAMPOO	400,00
ESCOVA	2.000,00
ESCOVA CABELO COMPRIDO ..	2.400,00
CORTE	2.000,00
PENTEADO	2.000,00
TINTURA	6.500,00
TINTURA CABELO COMPRIDO ..	7.500,00
PERMANENTE	7.000,00
MALHAGE (Reflexo)	8.000,00
MANICURE	1.200,00
PEDICURE	2.100,00
MAQUIAGEM	4.000,00

R. CARDOSO DE ALMEIDA, 715
PERDIZES — FONE: 65-4630



LAGOITE

Cartas

Carta da Reitora

Aos Alunos, Funcionários e Professores.

Assunto: Carta de Dom Paulo Evaristo sobre a escolha da nova Reitoria pela Comunidade da PUC-SP.

Tenho a satisfação de encaminhar à Comunidade Universitária a carta que nos foi endereçada pelo Senhor Grão Chanceler, Dom Paulo Evaristo Arns. Estou certa de que a Comunidade saberá responder de forma clara e responsável e atuante ao desafio que se abre à Universidade convocada a indicar seus dirigentes no próximo quadriênio.

Nadir Gouvêa Kfourri
reitora

Carta de D. Paulo

Prezados Estudantes, Funcionários e Professores:

Neste Ano de 1984 completa-se o mandato da atual Reitoria.

Queremos expressar de público nossa gratidão a todos os que se empenharam para que a Universidade Católica de São Paulo pudesse cumprir sua missão em favor do povo e de todos aqueles que nela lutaram para conseguir a qualificação dos estudantes, professores e novos pesquisadores em nossa Terra.

Das três vezes em que fui chamado a exercer o encargo que me conferem os Artigos 25, 27 e 161 do Estatuto da PUC, procurei sondar os anseios da comunidade, de maneira a poder chegar

Opinião

A sucessão da Reitoria da PUC-SP está, neste momento, presente nas conversas cotidianas dos membros da nossa Comunidade Universitária.

No sentido de analisar e discutir este momento político institucional relevante da PUC-SP, um grupo pertencente à Comunidade da Faculdade de Economia e Administração iniciou um processo de reflexão.

Optou-se, preliminarmente, por colher elementos que permitissem elaborar um quadro que abrangesse as fases mais relevantes da história da PUC-SP. Isso nos levaria a compreender as principais condicionantes que moldaram esta Instituição e que no momento devem ser rediscutidas à luz da uma sociedade em mudança.

Até o presente as principais questões levantadas foram:

1. A PUC juntamente com outras Instituições da Sociedade Civil esteve na vanguarda do processo de abertura política do País, desde meados da década passada. A invasão da Universidade em fins de 1977 não deixou dúvidas a respeito do papel desempenhado pela PUC-SP.

Porandubas

R. Monte Alegre, 984 - cep. 05014
Tel. 263.0211 ramal 227
Equipe: Jorge Claudio Ribeiro
(M.Tb. 11.650).
Edison M. de Almeida
Roberto C. Barreiro Fº
Produção Gráfica: Editora AFA

A sucessão da reitoria

aos nomes que melhor representassem a comunidade na Direção de tão importante instituição.

Por ocasião da última indicação (1980), após ouvir sugestões que me pareciam justas, propus consulta direta que envolvia de um lado a comunidade como tal e de outro lado o Conselho Universitário.

Penso que fizemos em comum uma boa experiência na aplicação do princípio proposto pela Assembléia de Puebla — participação e comunhão — e no exercício da democracia em nosso meio.

Embora nossos novos Estatutos ainda não tenham sido aprovados, proponho realizar a mesma consulta neste ano e da seguinte forma:

1º) A Universidade terá boa parte desse primeiro semestre para debater as grandes questões, as linhas e diretrizes, que deverão servir de base para uma administração eficiente e representativa para a nossa PUC no próximo quadriênio.

À base desta reflexão tenho a certeza de que também surgirão os nomes mais qualificados para a nossa empresa.

2º) É de todo desnecessário frisar o caráter fundamental de que se reveste esta consulta dentro de uma conjuntura tão difícil em que cabe às universidades brasileiras — e, por que não dizer, em especial à PUC? — criar esperanças bem fundadas junto aos nossos estudantes, suas famílias e todo o povo de São Paulo.

Para tanto desejo repetir o que lhes transmiti em minha mensagem de 1º de agosto de 1980:

"Há, de fato, na PUC-SP um processo de tomada de consciên-

cia do papel da Universidade, um esforço de participação, uma busca de qualificação e aprimoramento científico, e de abertura ao povo, que precisam ser mantidos. É a partir desse processo que a Universidade Católica poderá prestar um serviço qualificado no sentido da "Opção preferencial pelos pobres", ponto central do testemunho da Igreja Latino-Americana e compromisso referendado inúmeras vezes pela voz serena e inúmeras vezes de João Paulo II, em sua recente visita ao Brasil. A esse compromisso nenhuma instituição que se inspire na ação da Igreja poderá se eximir. Da Universidade Católica, por ser Universidade e por se pretender Católica, muito esperamos povo, sociedade e Igreja do Brasil".

3º) Seria, além disso, extremamente útil aproveitarmos a nossa experiência de 1980 e a de outras Universidades no tocante à escolha dos dirigentes universitários.

Em todo caso, evidencia-se sempre mais que a escolha dos nomes não se constitui ato isolado, nem tampouco pode servir a ambições pessoais ou interesses de grupos. Mas há de ser o fruto de uma discussão aprofundada de nosso projeto educacional e das condições que o tornam viável.

4º) Proponho por conseguinte algumas orientações concretas:

a) Entrego ao Conselho Universitário e ao Conselho Comunitário da PUC a tarefa de estabelecer as PUCs necessárias à realização da consulta.

Esses Conselhos se responsabilizam pela legitimidade e legalidade, respeitando sobretudo o Artigo 161 das disposições transitórias do Estatuto a respeito dos candidatos.

b) Coloco-me à disposição desses Conselhos, para debater as dúvidas que por acaso possam surgir ao longo das deliberações.

c) Uma vez tornadas públicas essas normas com seus prazos, constitua-se uma Comissão Eleitoral, que assumirá com isenção de ânimo a condução do processo.

d) Caso as inscrições se façam por chapas, em que constem todos os nomes da futura Reitoria, peço que o nome do Vice-Reitor Comunitário a ser incluído seja o de um dos sacerdotes professores de carreira dentro da PUC. O motivo é óbvio: o Reitor Comunitário constitui o elo de contato direto e rápido do Grão-Chanceler com a Universidade e terá que representá-lo nas mais diversas situações.

5º) PUC, Povo e Igreja devem promover a unidade, a ponto de exprimir, aos olhos de todos, os ideais de comunhão, participação, justiça e fraternidade, expressos pela Assembléia Geral de Puebla. Para tanto precisa a Universidade preservar e dinamizar os espaços que conseguiu abrir e transformar-se numa das instâncias confiáveis das grandes causas do humanismo cristão.

São Paulo, 21 de abril de 1984

Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS
Arcebispo Metropolitano
e Grão-Chanceler
da PUCSP

Professores da FEA

2. A primeira gestão da Professora Nadir Kfourri (1976/80) caracterizou-se por um processo de grande abertura intelectual, incorporando professores cassados e possibilitando a modernização da estrutura curricular de várias áreas da Universidade. Ademais, foi um período de livre debate e de ampla manifestação de idéias na PUC como um todo tomou parte ativa da política de direitos humanos e de independência cultural do País.

3. Nesta época os problemas financeiros já se prenunciavam, notadamente face à diminuição dos subsídios do MEC. Mas as principais atividades centradas no debate sobre direitos humanos e a política cultural exigiam muito mais o efetivo engajamento de professores, alunos e funcionários nesse processo, do que recursos financeiros para investimentos em pesquisa, e modernização de sua infra-estrutura.

4. A segunda gestão da Reitora Nadir Kfourri, reconduzida pelo voto direto de toda a Comunidade, foi uma reafirmação dos principais compromissos sociais que emergiram daqueles debates. No entanto, houve uma nítida preocupação de internalizar o processo democrático na própria PUC, que se materializou através de eleições diretas para todos os cargos de direção e de chefias acadêmicas, culminando com a realização de uma Constituinte em 1982, onde foi gestado um novo Estatuto. Neste diploma a comunidade universitária se comprometeu a "participar do processo social mais amplo e contribuir para a democratização da cultura,

garantindo a interação efetiva da Universidade com a Sociedade, e particularmente com as classes populares".

5. Hoje a PUC vive um novo dilema que não pode ser exclusivamente atribuído às dificuldades financeiras impostas pela atual recessão ou a entressa administrativos. Paradoxalmente, a efetiva abertura política ocorrida na sociedade brasileira colocou em xeque o papel de vanguarda desempenhado pela PUC. A sociedade avançou e a PUC deve encontrar um novo elo com esta sociedade. Isso vem sendo ratificado pela cobrança, por parte da própria Comunidade Universitária, do desempenho da PUC como um todo no tocante à produção de novos conhecimentos, que supere seu papel de mera reprodutora de idéias e conhecimentos gestados originariamente em outras Instituições. É o momento da PUC-SP se afirmar em termos científicos.

6. Qualquer definição a respeito do sentido e da natureza da produção de conhecimento da PUC necessita de um redimensionamento das fontes e usos dos recursos financeiros e materiais, mas cuja perfeita adequação esbarra ainda na difícil conjuntura econômica do País.

7. Internamente a PUC-SP ainda não conseguiu colocar em prática o novo Estatuto e existem visíveis deficiências na qualidade de vários cursos ministrados pela Universidade.

Face a tais questões, a próxima Reitoria, deve estar apta a enfrentar os seguintes desafios:

- Continuidade de seu compromisso com a democracia interna garantidora da participação de toda a comunidade: professores, alunos e funcionários;

- Compromisso com uma Universidade onde as diferentes concepções existentes na sociedade brasileira encontrem seu lugar de expressão;

- Reafirmação de decisões que garantam a perenidade da Instituição e de continuidade de seus compromissos sociais;

- Formulação de um novo equacionamento da questão financeira, tanto do ponto de vista da obtenção de recursos, quanto de seu usos que viabilize um novo espaço produtor de ciência e serviços.

São Paulo, abril de 1984.

MAGNUS CABELEIREIRO UNISSEX PROMOÇÃO

CORTE 2.000,00
PÉ 1.000,00
MÃO 700,00

Somos especializados em alisamento com produtos naturais
conheça e faça um teste GRATIS

Rua Cardoso de Almeida,
1524 - Tel. 263.9050

Concurso de Reportagem - 1º Lugar

Os Meninos da PUC

Bartira esquina com Monte Alegre. Ao lado do TUCA, no coração da PUC, os guardadores de carros observam os puquianos que passam apressados para as aulas. Nas terças-feiras o número desses adolescentes, às vezes crianças, aumenta ainda mais: são os carregadores de feira.

O primeiro contato com os meninos é de mútua desconfiança. Eu pensando: "Será que são trombadinhas ou estão aqui só para ganhar a vida?" Eles na certa matutando o que uma estudante da PUC quer saber de crianças pobres da periferia.

W., 17 anos e A., 16, tiram de Cr\$ 7 a 5 mil por dia de feira. W. mora em Pirituba, chega na PUC todos os dias às 6:30hs e só vai embora à tarde. À noite ele faz o ginásio e nas horas de folga ainda ajuda o pai, que tem um bar. A. mora na Vila Elisa Maria, perto da Freguesia do Ó, e passa quase o dia todo na PUC: das 6:00 às 15:00 hs. De sandália havaiana e roupa remendada, A. no momento não está estudando, mas diz que "se eu tivesse condições, gostaria de estudar na PUC".

Aos poucos a conversa vai animando e mais garotos vão chegando. Ubiratan, um negrinho sorridente de 19 anos, parece ser o mais desinibido de todos. Mora "prá lá de Osasco" e diz que tira uns Cr\$ 4 mil por dia nas redondezas da PUC. À noite ele estuda Mecânica e o curso, com uma mensalidade de Cr\$ 10.500,00, é pago por uma freguesa da feira. "Eu acho a PUC o maior barato. Quem sabe um dia, com as voltas que a vida dá, eu estude aqui".

"EU NÃO TENHO MAIS ESPERANÇA"

Parece mentira. Ao lado de uma universidade que se diz democrática, onde convivem petistas, peemedebistas e outros istas, há simpatizantes de Jânio Quadros. Pelo menos dois: W. e A. dizem que, se amanhã tivessem que votar para Presidente da República, escolheriam o homem da vassoura.

Eles estão sabendo de toda a mobilização popular para a volta das eleições diretas no país, mas estão desesperançados em relação ao Brasil e ao mundo. "Sabe, se esse mundo explodisse não ia fazer falta. Não tenho esperança. Se tivesse eleição, eu votaria em qualquer um, na primeira chapa que aparecesse. Porque político é tudo igual: quando ganham eles esquecem da gente", diz Ubiratan.

Para vocês nem o Lula é diferente? A resposta foram risadas. "O Lula é um chupa-sangue! Se eu pudesse explodir com ele...", diz A. O governador Montoro também não agrada muito os meninos: "Quem votou nele tá ferrado!..." Sem dúvida, estamos carentes de líderes políticos...



"POLICIAL É TUDO CORRUPTO"

Muito estudante da PUC, ao sair da aula, não encontrou mais seus Voyage, Monza ou Passat. Os roubos de carros são uma constante nas redondezas puquianas.

Ubiratan, você já viu algum roubo de carro por aqui? "Ver eu já vi, mas se eu falar para um policial e alguém ver, vão falar que eu sou um cagüeta." A. diz que já roubou bicicletas: "Já roubei umas 10 bicicletas. Eu peço para dar uma volta, se o moleque não deixa eu pego e saio correndo. Agora, mulher eu não roubo".

Ubiratan diz que rouba quem "dá sopa": "Eu já roubei corrente, dinheiro, relógio. Eu roubo de quem tem, de quem é rico. Já fui para a 23 (23ª Delegacia) umas 2 vezes. Mas, os policiais são todos uns corruptos; é só dar o que a gente rouba para eles que eles soltam a gente. Se tivesse policial sério, a gente ficava 'encarquerado' pro resto da vida. Por isso eu não tenho medo de ser preso".

SOBRE MACONHA, BENZINA E CASAMENTO

Os meninos vão e vem, atrás de freguesas. "Carregador?" Algumas

respondem NÃO, outras passam reto e poucas aceitam. eu pergunto sobre drogas. Ubiratan faz uma cara séria, depois dá risada: "Com o dinheiro da feira eu compro maconha. Vou te dar um conselho: se tiver que fumar, fuma maconha. Vem uma bola 'assim' e dá prá fumar até..." Mas Ubiratan diz que não é viciado. "Fumo quando quero".

A. conta que cheira benzina: "Compro na farmácia por 300, 400 cruzeiros. Ponho no paninho, cheiro e fico uns minutos dando risada. Depois acaba. Mas eu só cheiro quando eu tô meio triste, que é pra dar risada".

O casamento ainda encontra adeptos entre os garotos. W. diz: "Sou louquinho pra casa. Quero casar com uns 20 anos." Ele "namora firme" há 2 anos. A. acha que o casamento exige muita responsabilidade: "Com mulher e criança dentro de casa, se for despedido como é que faz? Por isso eu não tenho namorada. Só tenho 'umas minas' para 'tirar um barato'".

"EU SOU BOY, BOY, EU SOU BOY"

A maioria dos meninos se conhece, pelo menos de vista. Mas M., 11 anos, aparentando a metade, de pé no chão, era desconhecido de todos na turma. M. mora na Vila Brasilândia, a 30 minutos de ônibus da PUC, para onde vem todas as terças-feiras trabalhar de carregador. De manhã fica na feira, onde ganha Cr\$ 1 mil por dia. "Tem dia que eu não ganho nada". À noite vai para a escola, onde faz o terceiro ano primário. Para M., segunda-feira é o "dia de brincar", porque não tem feira. Brinca de polícia e ladrão: "Eu sou a polícia. Não tá certo roubar, se roubar a polícia mata. É melhor trabalhar do que roubar".

M. tem um sonho: estudar bastante e, quando tiver uns 14 anos, ser office-boy ou empacotador de supermercado. A. já foi office-boy: "É o maior barato. A gente anda de ônibus, pula pela porta de trás, bagunça na rua. Mas me mandaram embora porque eu respondi mal para a mulher do patrão. Eu falei pra ela que eu não era burro de carga".

M. pergunta se já pode ir para a feira. Afinal, ele não tem tempo a perder, precisa ganhar a vida.

Toda a desconfiança inicial de A. e Ubiratan acabou. O assunto preferido por eles são as mulheres. Mexem com as meninas de pernas bonitas que passam na rua. "Elas sabem que são bonitas e até gostam. Dão risada! Se fosse pra namorar... Pelo menos pra tirar um barato...", dizem os dois.

A. tenta desfazer uma possível imagem de trombadinha que eles possam ter passado para mim: "Se a gente fosse ladrão, já tinha te roubado e você nem tinha percebido".

Trombadinhas, guardadores de carro ou carregadores de feira: não importa que nome se dê a esses meninos. A verdade é que eles são o outro lado da juventude brasileira: a que está do lado de fora da Universidade. Dentro dela estão os new-wave, os classe média, os ricos, os bichos-grilos e todos os modismos. Aos meninos, só resta uma coisa: sonhar...

Luiza Cristina Lopes Oliya
5º período - Jornalismo

"FORÇA JOVEM"

W., A. e Ubiratan garantem que o roubo de carros nada tem a ver com eles. Quem é da mesma opinião é o José Carlos Picolo, que coordena o Grupo de Trabalho Pedagógico, desconhecido dos meninos e da maioria dos alunos da PUC. "O problema de roubo de carros extrapola a universidade. Eu, por conhecer muitos meninos, tenho certeza de que não são eles. Mas, tanto no caso de roubo como no de tráfico de drogas na PUC, os meninos são os suspeitos naturais".

O Grupo, ligado à Pastoral do Menor, desenvolve há 3 anos um trabalho com os meninos guardadores de carros. "Agora o movimento está parado porque vamos para uma casa com mais espaço para a oficina de trabalho, onde os meninos fazem artesanato orientados por alunas da PUC. Segundo José Carlos, o dinheiro das vendas é dividido entre os meninos, que não encaram o trabalho como um negócio fixo. "Todos eles têm acesso ao trabalho e fica a critério deles vir ou não".

Com a instalação do Grupo de Trabalho Pedagógico numa casa (ao invés de uma sala da Casa Paroquial, onde funcionava antes), José Carlos espera atingir mais meninos, principalmente os carregadores de feira, com os quais ele não tem tanto contato. "Temos como perspectiva para o nosso trabalho a vida deles. Tudo é discutido com os meninos. Até a escolha da casa".

Já que o sonho da maioria dos meninos é ser 'alguém' na vida e, quem sabe, um dia estudar na PUC, nada mais válido do que integrá-los na comunidade universitária. Queiramos ou não, os meninos representam uma realidade com a qual convivemos diariamente.

O que falta é uma maior participação (ou pelo menos reconhecimento) dos alunos da PUC no Grupo de Trabalho Pedagógico. Quem sabe da sua existência?

(N.R. Este Grupo foi batizado pelos próprios meninos com o nome de "Força Jovem")

CORTEZ
EDITORA

Vendas a prazo,
sem juros e sem acréscimo.

Agora ficou mais fácil o acesso à Bibliografia recomendada no seu curso e manter-se informado das novas publicações.

Visite-nos no andar térreo da PUC ou à Rua Bartira, 387
Tel.: (011) 864-0111

Maurício Tragtenberg

Entrevistar Maurício Tragtenberg – ao contrário do que poderia aconselhar (mal), uma imagem de celebridade – foi uma lição de simplicidade. Conversamos durante horas e ele, de calção sem camisa, falava de sua infância, das “universidades da vida” que tanto o marcaram. Por trás de tudo, uma figura humana como eu, como você, lutando, tendo seus prazeres e suas procuras. Mas sobretudo – oh raridade! – alguém de bem com a vida, com suas idéias e com seus semelhantes.

PORANDUBAS: Como tudo começou? Dizem que você foi garçon?!

Tragtenberg: Nisso tudo tem um pouco de verdade e um pouco de fantasia. As versões são importantes mas a verdade é mais importante. Eu nasci em Erechim, no Rio Grande do Sul, no meio rural. Depois fui a Porto Alegre e daí para São Paulo onde morei com minha família no Brás e depois no Belenzinho. Ainda não tinha terminado o primário. Com a queda de Vargas surgiu uma movimentação muito grande e naqueles bairros, que são industriais, formaram-se Comitês Democráticos Populares (CDP) e também Centros de Cultura Social, estes no Centro da cidade. Os CDP eram abertos, embora o PCB tivesse maioria neles. Eu era mirradinho e ainda lembro de um operário espanhol, que me disse: “Prá você ficar forte, deve apoiar o PCB”.

Já os Centros de Cultura Social (CCS) eram mantidos por um pessoal libertário que se reunia ali na descida para a Praça das Bandeiras. Os Centros eram frequentados por alfaiates, pedreiros, sapateiros de várias nacionalidades. Havia também um grupo de teatro amador que encenava peças feitas pelos membros dos CCS. Tinha por lá um sapateiro, o Pedro Catalo, que era uma grande cultura política: ele tinha umas 13 peças e dirigia o grupo de teatro. Nesta época estava com 13 anos e, como precisava trabalhar de dia, tinha deixado a escola, já que não havia cursos noturnos. Mas frequentava isso tudo.

Havia também uma Universidade Popular, na rua do Gasômetro, chamada Presidente Roosevelt. Lá havia cursos de Sindicalismo, História Política, além de Corte-e-Costura, Inglês, Datilografia, Desenho Mecânico e Industrial.

PORANDUBAS: E quem mantinha esta Universidade Popular?

Tragtenberg: Era o pessoal anti-facista da colônia espanhola, que também organizou o Centro Catalão e o Centro Republicano Democrático Espanhol. O Centro Catalão ainda tinha grupo de danças e música folclórica. Pois foi lá que eu aprendi a ler e falar catalão, sem nem saber português direito...

PORANDUBAS: Qual é tua origem?

Tragtenberg: Meu avô era um camponês vindo da Romênia, que estava sob hegemonia da Rússia czarista. Ele veio

para o Brasil com a colonização israelita, que se organizou em colônias de pequenos e médios camponeses no Rio Grande do Sul. Meu avô era um pequeno proprietário de terra que fazia exploração florestal, já que a lenha era fundamental numa época em que a “Maria-Fumaça” reinava nas ferrovias.

Na minha família falava-se russo e ídiche. Português, muito pouco. Esse bilinguismo, trilinguismo, traz vantagens e desvantagens. A vantagem é que, tive acesso a muitos autores clássicos da Revolução Russa e do marxismo, aos populistas russos, que são muito próximos dos populistas brasileiros. Através do ídiche conheci clássicos do marxismo, que eram divulgados pelo Partido Judeu Operário da Polônia e também por editoras fundadas por imigrantes poloneses nos EUA. Ainda existem dessas obras no Bom Retiro, em Centros Culturais Judaicos.

Mas, quando deixei Erechim e fui para Porto Alegre, o russo e o ídiche passaram a segundo plano e o português passou a ter mais importância.

PORANDUBAS: Tua família influenciou nas tuas preocupações políticas?

Tragtenberg: Pelo contrário. Se fosse pela minha família, talvez eu estivesse atrás de um balcão de loja de armários. Meu pai era um pequeno comerciante em vias de proletarização e tinha uma biboquinha que dava mais despesa que lucro.

As Universidades da Vida

PORANDUBAS: Mas estão, como é que você passou para o outro lado?

Tragtenberg: Acontece que entre 1945 e 1950 eu morei no Brás, onde ainda existia uma cultura de bairro, coisa que a Comunicação de Massa já destruiu. No fim do dia, colocavam-se as cadeiras na rua, em frente de casa, e se ficava papeando com a vizinhança. Era uma ponte de cadeiras, como uma corrente que pegava a rua toda. Eu frequentava as coisas do bairro, os clubes: aí se tinha um clima geral de (perdão!) abertura. Se fosse hoje, o DSV fechava a rua...

Quando caiu a ditadura de Vargas, depois da 2ª Guerra, houve uma grande explosão social e os problemas políticos eram discutidos no meio da rua. No bairro, havia o Comitê Democrático, Sedes dos Partidos, o PCB tinha voltado à legalidade, tinha os Centros

Dionisos na



Maurício e sua musa inspiradora (Beatriz, atuando em *Enjojo Rei*)

de Cultura Social, um para cada colônia. Enfim, uma grande efervescência.

Com 15 anos eu trabalhava em “A Careta”, jornal semanal. Fazia de tudo: limpava a redação, fazia oficina, linotipia. Era um fedor desgraçado e eu precisava tomar muito leite. Este é um atavismo que vem daquela época. Todas essas coisas foram minhas universidades, bem como a família Abramo. Sobretudo o Athos Abramo, pai do Perseu.

O Athos era uma pessoa muito simples. Era contador e fazia contabilidade avulsa dos bares do Brás. Ele tinha uma grande cultura, política, artística. A família Abramo morava no número 425 da rua do Hipódromo. Eles moravam na casa da avó do Perseu. Lá vivia a Lélia Abramo, que traduzia telegramas em italiano para a agência noticiosa ANSA, antes de fazer teatro e estourar por aí. Havia ainda a Beatriz, que morreu de tuberculose óssea, e o Cláudio, que pintava por lá de vez em quando. Também tinha o Fúlvio, que é meu vizinho. Aos domingos, eu pintava por lá e fui entrando em contato com a cultura, com a língua italiana. Assim, eu recebi influência de várias culturas: espanhola anarquista do Brás; cultura

italiana da Família Abramo, que era socialista mas não anarquista.

Em nenhuma dessas Universidades eu ganhei diploma. A única que me diplomou foi a USP, onde não aprendi grande coisa, embora lá eu tenha sistematizado alguma coisa.

PORANDUBAS: Você é autodidata?

Tragtenberg. Os militantes de qualquer tendência eram todos autodidatas. Outra Universidade informal que frequentei foram os cursos gratuitos do Partido Socialista Brasileiro, no Centro da cidade. Lá o Antônio Cândido ensinava História do Brasil, tinha o Aziz Simão que me apresentou a Marx e também a Proudhon. Já naquele tempo ele não enxergava. Aziz é uma das pessoas de raciocínio mais lógico e lúcido que já conheci: ele ensinava sindicalismo. Pois eu vinha do interior, meio tímido e Aziz Simão me disse que não me preocupasse com coisas, como a roupa de domingo. Entretanto, além de bibliografia socialista, ganhei dele um terno de presente.

Outra Universidade foi a Galeria Prestes Maia, onde os trabalhadores se reuniam à noite, discutindo em grupos.

Academia

Tinha gente de todo matiz ideológico. Às vezes apareciam políticos profissionais, fazendo discursos. Na Galeria conheci o Sacchetta, que editava o jornal "Orientação Socialista". Aliás, muito da minha cultura devo a jornalistas, como Flávio Abramo, Sachetta, Aristides Lobo, Mário Pedrosa (que editava no Rio o jornal de maior nível intelectual deste país, até hoje).

Em 1945 eu frequentava a sede do PCB, no bairro do Belém. Prestes acabara de sair da cadeia e lançou a palavra de ordem "Constituinte com Getúlio", enquanto que a expectativa era de que fosse desmontada a máquina repressiva criada pelo Estado Novo, tendo Filinto Miller à frente da Polícia. Pior. Prestes apoiou Adhemar para governador o qual, quando eleito massacrrou camponeses em Tupã. E Prestes estivera no comício do Anhangabaú em apoio a Adhemar... Isso balançou muito os militantes do PCB, que sofriam perseguição, davam o sangue. Havia muito burocrata preocupado mais em salvaguardar o cargo do que outra coisa. Os partidos tendem a se tornar cabide dos grandes burocratas, dos permanentes do partido. Mas este é o dilema de todos os partidos. A História mostra isso.

O Drama do PT

PORANDUBAS: O mesmo acontece com o PT?

Tragtenberg: No começo eu me entusiasmei com a proposta do PT. Puxa vida, sempre tivemos no Brasil vanguardas sem retaguarda. O PCB só foi partido de massas entre 35 e 37 e entre 45 e 47. Fora disso, foi um partido de quadros, que podiam caber numa Kombi... No PS tinha mais intelectual que operário. Assim, o PT era uma esperança, de um partido que tivesse trabalhos. Hoje ele abriga a base sindicalista do ABC, várias tendências ideológicas e também a Igreja através das Comunidades de Base. O que me preocupa no PT é que não está muito claro o que ele quer politicamente. O grupo parlamentar do PT tem uma autonomia muito grande em relação ao Partido. Além disso, a luta parlamentar tornou-se caldo de cultura para o carreirismo político: nos comitês regionais, está um pega-prá-capar pela indicação de funções de controle da máquina partidária. Intelectuais de valor no PT, como o Éder Sader e o Marco Aurélio Garcia, declararam-se autonomistas, uma corrente que vai contra a burocratização dos partidos. Entretanto, o autonomismo vem desde a Primeira Internacional. Acho que ser autonomista hoje é abrir uma porta já aberta...

Mas a crise está obrigando os trabalhadores a se organizarem nos locais de trabalho, em comissões de fábrica. Assim, o trabalhador se APRESENTA e não apenas se REPRESENTA, o que lhe dá a vantagem de controlar a luta que ele leva adiante. Ninguém luta por você: se uma classe não se auto-organiza, ninguém luta por ela. Estas comissões de fábrica são uma coisa muito interessante que surge no movimento operário e também no meio bancário.

Todo este quadro coloca o PT numa encruzilhada de objetivos.

... E Entro Pra Academia

PORANDUBAS: Como você entrou na USP?

Tragtenberg: O trabalho no jornal era à tarde, o que me deixava tempo para frequentar a Biblioteca Municipal, todos os dias. Lá, encontrava Florestan Fernandes atrás de uma pilha de fichas: "é assim que se trabalha", dizia-me, atrás daqueles óculos. Eu via o Oliveiros Ferreira, o Antônio Cândido, que me chamou a atenção para a importância de Proust. Pois li Proust por 2 anos. Foi lá que conheci Anatol Rosenfeld, com quem almoçava em Píneiros, num restaurante português.

Num belo dia, o Antônio Cândido me sugere que apresente uma monografia à Congregação da Faculdade. Se fosse aprovado, entraria na USP sem precisar de Vestibular. Fiquei animado pois, sendo autodidata, carecia de sistematização. O autodidatismo é muito bom porque você aposta naquilo que mais profundamente te interessa. A USP sistematizou meus conhecimentos mas foi uma novidade total: eu não entendia por que universitário colava tanto... Para entrar na USP eu sistematizei tudo o que havia lido durante 12 anos e recebido das Universidades informais que frequentei. Saiu um livro, com um título pretencioso: "Planificação, Desafio do século 20". Assim, fiquei universitário em 1955 e me senti importante. Logo percebi que o drama da Universidade é que existem professores interessantes, que têm algo a dizer e outros que não têm nada a dizer. Havia também muita atividade estudantil, muita polêmica entre as várias tendências.

A vantagem da Faculdade de Filosofia na Maria Antônia é que o aluno tinha muitas opções, para fazer cursos com grandes professores e aprender realmente alguma coisa. As bibliotecas também eram muito boas e a gente tinha acesso a um material imenso.

Mas a vida de estudo passa logo.

Das Águas até Rio Preto

PORANDUBAS: Daí, você se tornou professor...

Tragtenberg: Aí ocorre que, ainda quando eu estava na USP, pintou um concurso para escriturário no Depto. Águas e Energia Elétrica. Eu estava cansado do jornal e passei a fazer um trabalho burocrático que tinha as vantagens de ser meio-período e me deixar tempo para estudar. Lá vi coisas interessantes, como um estudo sobre a prioridade do sistema ferroviário de transporte (engavetado havia 20 anos) e também um estudo sobre a retificação do rio Tietê (datado de 1901).

Depois de formado, passei no concurso para professor do Estado e fui parar em Iguape, lecionar História da Educação na Escola Normal. Foi uma aventura: a coisa mais difícil era encontrar um sanduíche quente, o hotel fechava às 22 h. As professoras dormiam



no andar superior e os professores no térreo. Quando as moças resolviam lavar o chão, quem tomava banho era a gente... Fiquei dois anos em Iguape e depois fui promovido para São José do Rio Preto, onde passei a lecionar na Faculdade, que acabava de ser montada. Lá eu conheci o Flávio Di Giorgi e o Casemiro, que era professor de História da Educação.

O Casemiro é uma grande figura humana. Ele chegou a Vice-Reitor da PUC conservando a simplicidade de professor rural, sem ter perdido os seus valores numa terra onde aquele que usa terno e sapato engraxado é doutor. Uma vez, Casemiro me disse que a pessoa vale mais que os cargos que ocupa. Isso eu aprendi durante em 1964.

Preso de Pijama

PORANDUBAS: Eles também te pegaram?

Tragtenberg: Tudo começou em 1963 com uma greve do magistério secundário em São Paulo. Foi a primeira greve na vida do magistério, que se juntaram o primário e o secundário. O pessoal não tinha muita cancha de mexer nisso e eu me senti na obrigação de deixar Rio Preto e ir a São Paulo dar força aos colegas. Afinal eu tinha também carreira no secundário. A sede da greve foi o Sindicato dos Bancários. A greve durou 25 dias e não foi brincadeira mantê-la. A gente entrava na sede às 6 da manhã e saía à uma da madrugada. No final, eu tinha perdido 8 quilos. Quando foi em 64 eu fui alvo de muita denúncia de professores por ter participado na direção desta greve. Isso pesou muito no Ato I de 64. Mas, se tivesse que recomeçar, faria do mesmo jeito.

A greve terminou em negociação, voltei a Rio Preto e quando chegou 64 fomos dar curso de extensão universitária na Delegacia de Polícia... Eles queriam saber o que se ensinava naquela Faculdade, se havia aulas de fazer e explodir bombas, técnica de guerrilha. Qual não foi a surpresa do Senhor Delegado quando informamos que ensinávamos Kant, Piaget e sobre "o processo de secularização na cultura brasileira"... O escrivão deve ter aprendido muito, pois datilografava tudo... A causa da prisão foi a denúncia de pro-

fessores de secundário da cidade, a prata da casa do clã local, que a seguir assumiu os cargos vagos na Faculdade, reduzida assim a uma escola normal.

PORANDUBAS: Mas, você foi preso, teve livros apreendidos. Como foi isso?

Tragtenberg: Eu não estava em Partido nenhum, mas sempre estive com minha classe. Em 64 foi implantado um regime de delação, em que vale tudo. A delação vira forma de mostrar poder, ou de pacificação interna de neuroses. Isso é muito profundo em épocas de crise. Houve professores delatando ex-alunos, colegas denunciando colegas. Na PUC mesma teve coisas terríveis, como um ex-professor fazendo patrulha de jipe para prender seus alunos.

Este foi um ano terrível. No meu currículo é o único em que nada está escrito. Fui demitido pelo AI-I, sem defesa e sem processo público. Só tive acesso a ele 8 anos depois. Até então não sabia por que, por quem fora demitido da Universidade de São José. Depois fui dirigir o noticiário internacional na Folha de S. Paulo.

PORANDUBAS: Você tem carteira de jornalista?

Tragtenberg: Nessa época ainda não havia a burocracia que exigia curso de comunicação. Muito jornalista começou como revisor. Aí a F.G.V. me contratou mas tenho um azar danado: veio um Ato retroativo impedindo os cassados de trabalharem em Fundação que recebe dinheiro do Estado. Já estávamos em 1970 e eu voltei a viver 64, só que estava mais tarimbado e não me emocionei tanto.

PORANDUBAS: Por quê? Em 64 você se emocionou?

Tragtenberg: Claro! Em 64 perdi tudo, tive um baque nervoso, fiquei 40 dias num hospital. Eu, com mulher e 3 filhos pagando casa e tendo perdido tudo. A Beatriz era professora e precisou assumir mais aulas. Fui detido por um professor que se dizia membro do serviço secreto do DOPS: eu estava de pijama, na biblioteca. O sujeito viu minha biblioteca e deve ter achado interessante pois levaram uns 200 volumes, que eu levei anos para recuperar. Achei muitos livros meus em sebos.

Aí eu tive o processo em mãos, entrei com uma ação judicial e o meu advogado, neto do Tristão de Athayde, conseguiu anular com uma única ação o AI-I e o Complementar 75. Fui reintegrado nos cargos deixando de ter estigma de cassado. Nesse ínterim fiz a tese de doutoramento sobre "Burocracia e Ideologia" e a de livre-docência sobre "Administração, Poder e Ideologia", pela UNICAMP.

No Batente

PORANDUBAS: E o jornalismo, acabou?

Tragtenberg: Não. Eu estava preocupado em dar força ao movimento sindical. Aí eu consegui com o Ebrahim Ramadan, meu ex-aluno e diretor do

Tragtenberg-(Final)

"Notícias Populares", uma coluna no jornal. Chama-se "No Batente" e se tornou uma caixa de ressonância daquilo que ocorre na linha de produção. Esta coluna é definida pelo Conselho de Redação da Oposição Sindical Metalúrgica, e sai na edição de quarta-feira e de domingo do NP. Esta coluna não me deixou rico pois como paga apenas ganhei a assinatura do "Notícias". No mesmo objetivo, eu sempre escrevo na página 3 da Folha de S.Paulo, só que aí a coisa é dirigida para a classe média, com outro código linguístico. Mas acho importante ocupar este espaço.

PORANDUBAS: Mas você vai nas fábricas, sente o cheiro do povo?

Tragtenberg: Eu me reúno é com as comissões de fábrica, nas sub-sedes de sindicatos em vários locais. É aí que sinto o cheiro do trabalhador. Aí dificilmente você pode medir o retorno, que não é tão imediato. Tenho deparado com muita dissertação de mestrado que, sinceramente, vale por teses de doutoramento por aí. Na PUC também tenho participado muito em debates.

Acho que não se deva aparecer sempre. É preciso discutir seriamente esse problema do intelectual virar celebridade. Na medida em que a Universidade cultiva isso, ela reproduz o estrelismo da TV Globo, que deve ser combatido. Nesse ponto, o estudante é mais conservador do que se pensa pois só convida celebridades para debates. Pois tem muita gente que não tem título, nem tese, nem escreve na Folha mas que tem cabeça. Quando me convidam, tenho a preocupação de abrir espaço a lideranças operárias, comunitárias, que até vão no meu lugar e dão um banho em muitos professores e estudantes.

Então, como desmistificar o negócio de celebridade intelectual? Partir pra falsa modéstia é hipocrisia. É preciso abrir espaço para gente que, mesmo sem carisma intelectual, tem algo novo a dizer.

Afetividade Política

PORANDUBAS: Você que é tão carismático, tão dionisíaco, como você vê a afetividade para o intelectual?

Tragtenberg: Acho que a coisa vai muito da identificação do intelectual com uma classe social, com um projeto político. Por exemplo, eu aprendi mais com o operário do que ensinei algo a ele. Na minha coluna no jornal eu fui mudando minha forma de escrever, conquistando uma clareza decorrente da familiaridade com uma área e do inte-

resse em se comunicar com ela. Isso não é fácil pois "a clareza é uma vitória sobre o caos". Pois no meio acadêmico o grave problema é que se escreve texto para quem tem nossa formação, come três vezes por dia, tem bons dentes.

Outro problemas de identificação do intelectual é que ele oscila entre ser um crítico e ser um assessor do poder: é muito difícil conciliar os dois papéis. Já me aconteceu de o Paulo de Tarso, durante a campanha do Montoro, me convidar para se assessor do Secretário da Educação, caso eles vencessem. Eu, desligado pra burro, perguntei ao telefone: "De que partido você é? Do PT?". O Paulo respondeu: "Não, do PMDB". Aí eu disse, sem mentira: "Não, eu não estou em partido nenhum e não quero ter compromisso político". Não me arrependo de não ter aceito esta assessoria: com que cara eu ia olhar meus amigos da oposição sindical metalúrgica? A tal da afetividade aparece entremeadada com um compromisso político, que não está no papel mas no coração, com uma classe social e que exige de você uma coerência entre o que você fala e o que você faz.

PORANDUBAS: E o teu sarcasmo significa significa o que? Tua gozação vai acompanhada de esperança ou de desesperança?

Tragtenberg: Acho que para construir você precisa ser discutido. É preciso criticar as estruturas de exploração, criticar o academismo universitário que se toma como um fim em si e também o código linguístico da Universidade que mantém a distância social. Entretanto, a crítica a isso tudo só tem sentido se estiver vinculada a uma ação construtiva.

O que chamo de ação construtiva? Eu não acho que a Universidade eduque: quem educa é a comunidade pois o saber tem origem coletiva, infelizmente privatizado pelos Institutos de Pesquisa, pelas Universidades. Mas o saber tem que voltar às origens. Uma das formas de retorno, que utilizo, é a colaboração na imprensa. Neste sentido, o Notícias Populares - porque é muito lido pelo trabalhador - é mais importante que a Folha. Meus artigos da Folha chegam ao trabalhador xerocados pelas instituições, pelos grupos. Já o NP vai diretamente.

O Partido? A Classe?

PORANDUBAS: Parece que você é um grande colecionador de bibliografias exóticas...

Tragtenberg: Não é bem isso. Eu fiz uma coleção de textos sobre marxismo heterodoxo, onde se defende a auto-organização dos trabalhadores, coisa que já acontece nas comissões de fá-

ca. Esses textos são desconhecidos em detrimento de uma literatura - de Lenin, Trotsky, Stalin, Gramsci - onde se valorizou o Partido como o grande organizador da classe operária. Mas a História está mostrando que a vanguarda da classe operária é ela mesma que se organiza num processo de luta. Então minha idéia era editar aqueles textos, reconstruindo o passado em função do presente. Esses textos não são exóticos mas levantam outra dimensão da luta social e editá-los me dá muito prazer.

O que mais me dá prazer? Gosto demais de dar aulas. Vejo na Universidade uma super-valorização da pesquisa e uma sub-valorização da docência. Muitos professores de Pós deveriam voltar a dar aulas na Graduação, fotalecê-la: a única forma de ter um Pós sério é ter uma Graduação boa. Ainda outra coisa que me dá prazer é ver a Bia minha mulher, fazendo teatro. Fico muito contente quando vejo que ela consegue se auto-realizar no teatro.

O Anarquista e a Família

PORANDUBAS: Me diga uma coisa: como é que um anarquista como você educa os filhos?

Tragtenberg: Em primeiro lugar, não sou anarquista. Até hoje estão querendo descobrir o que eu sou. Se você está no Partido, é marxista; se você não está... é anarquista. Não é bem isso. Acontece que eu separo Marx do marxismo. Este, acentuou muito o papel do Partido e do Estado, o que o tornou legitimador de estruturas burocráticas. Eu acho que o anarquismo faz uma crítica importante à dominação, inclusive na relação pessoal no cotidiano. O anarquismo faz a crítica de um poder que não está só no Estado mas também nas Instituições, na relação cara-a-cara. Por isso respeito muito as opções de cada um dos meus filhos: o Marcelo foi estudar Física e agora mora em Santa Catarina com a companheira dele; o Lívio se orientou para a música; já a caçula, a Lucila estuda canto. Eu aprendi que educar é ter um interesse real pelo outro. Você não pode se obrigar a amar seu filho, o que acho uma hipocrisia desgraçada: você deve ter a liberdade de, no dia em que está com raiva dele (e vice-versa), dizer isso um para o outro. Ele pode dizer que você sacaneou nisso ou foi safado naquilo: esta é a base de se construir relações transparentes e saudáveis. Isso vale também para a relação marido-mulher. O grave problema entre pais e filhos é que 90% dos casos se regem pelo "sufoco" da tendência dos pais projetarem seus objetivos não atingidos nos filhos. O duro é você admitir que o

outro é uma diferença e não uma extensão tua: isso limita teu narcisismo. Ao respeitar o outro ele percebe que pode confiar em você, que você está lá não para dar ordens mas que alguém que diz: "seja o teu eu profundo, que eu estou aqui firme, para o que você precisar". Isso é o que eu procurei realizar com meus filhos.

PORANDUBAS: Quem foi Hermínio Sachetta?

Tragtenberg: Ele foi uma de minha Universidades. Ele era um autodidata que fez apenas o ginásio e foi para o jornalismo. Durante a ditadura de Vargas ele cumpriu anos de prisão. Ele tinha entrado no movimento trotskista, que era um pequeno grupo. Sachetta tinha muito valor pessoal e muita coerência entre teoria e prática, coisa que raramente vi no intelectual universitário.

Ele educou toda uma geração de jornalistas. Foi através dele que eu comecei a ler os Clássicos do marxismo e a ver criticamente os Partidos Comunistas e a subordinação incondicional dos PCs do mundo à política exterior da União Soviética, especialmente durante o stalinismo.

Quem És?

PORANDUBAS: Como você se define? Professor? Jornalista? Ambos?

Tragtenberg: Olha, eu sou um professor com atividade jornalística. O jornal é uma forma de transmitir conteúdos, valores, assim como se faz na aula ou num livro. A transmissão pelo jornal é mais eficiente e imediata, tornando-se uma alternativa importante. Argumenta-se que o jornal não é tão permanente como um livro. Mas, quantos livros permanecem? Claro, o jornal parte do aqui-e-agora, porque senão não seria jornalismo. Mas, dependendo do tipo de conteúdo, há certa permanência no jornal. Os grandes políticos sempre escreveram em jornal: Lenin, Marx, Krotsky sempre escreveram ou fundaram jornais. Também 70% da obra política de Weber é artigo de jornal.

PORANDUBAS: Você é religioso?

Tragtenberg: Não eu não tenho nenhuma tendência nesse sentido. Eu acho que os problemas da terra - que são os humanos - são tão complicados que não te dão tempo para você pensar em coisas extra-terrenas. Olha, graças a Deus eu não sou religioso.

(Agradecemos as dicas de Casemiro dos Reis Fº, Regina Orsi, Evaldo A. Vieira, Dóris, Flávio Di Giorgi, Carmem Junqueira, Paulo Resende. Valeu!)

Mais Convênios

• **Centro de Educação:** O "Programa de Integração do Centro de Educação da PUCSP com Escolas do Sistema Estadual e Municipal de Ensino", desenvolve este ano 4 projetos, que receberão uma verba de 15 milhões. São eles: "Integração dos Estágios de Fonoaudiologia às séries iniciais das Escolas Municipais de 1º Grau em São Paulo", coordenado pela profa. Beatriz Scavazza; "Laboratório de Matemática para as primeiras séries do 1º Grau", coordenado pela profa. Anna Franchi; "Práticas Pedagógicas Alternativas para a Escola Pú-

blica de 1º Grau", coordenado pela profa. Silvia Russo; "Fonoaudiologia Educacional: um programa de capacitação do professor para o trabalho em linguagem", no Território de Roraima, coordenado pela profa. Beatriz Scavazza. Segundo o prof. Antonio Carlos Ronca este programa é muito importante por propiciar uma atuação no sistema oficial de

ensino e uma maior integração entre as várias áreas e departamentos da PUC.

• **Saúde Mental:** O Grupo de Saúde Mental do URPLAN, que já mantém convênios com a prefeitura de Osasco (Secretaria Municipal de Saúde e Promoção Social), iniciará nos próximos meses um convênio com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. O Grupo

está mantendo contatos para ampliar esses convênios para a área estadual também, apesar das dificuldades que vem enfrentando no que diz respeito a um maior apoio da PUC para o seu trabalho que vinha sendo financiado por instituições internacionais.

• **Intercâmbio com a França:** Foi assinado convênio da PUC

com a Universidade de Montpellier (França) para intercâmbio cultural, de professores e pesquisadores de todas as áreas de conhecimento. Interessados devem procurar a profa. Tânia Campos, no Campus Marques de Paranaguá, Depto. de Matemática.

Novo Comunitário

Desde o início de abril o CCMFT (Campus Paranaguá) tem novo Vice-Diretor Comunitário. O professor **Silvio Pillon** substituirá o prof. **João Carlos Peirini**, durante seu período de licença, que vai até 30 de junho.

CURTAS

Preciosidades na Hemeroteca

A Hemeroteca da PUC, em 1983, atendeu a 40.263 consultas, entre os temas mais procurados estão: Meios de Comunicação; Questão Agrária; Política Salarial; Monetarismo; Qustão Carcerária; Partidos Políticos; Prostituição; Desemprego; Literatura e Previdência Social. A Hemeroteca cuida da recuperação da informação de jornais e revistas e está localizada na sala 51-E, dentro da Biblioteca Central. Seu ramal é o 231. Além dos jornais diários e de várias revistas semanais, a Hemeroteca tem verdadeiras raridades que são as coleções de: **Coojornal** (de 1976 a 1982); **Brasil Mulher** (1975/1979); **Folhetim** (1977/1984); **Movimento** (1976/1981); **Opinião** (1973/1977); **Pasquim** (1969/1983) e, até mesmo (ah, que saudade) a **Realidade** (de 1966 a 1976).

Capoeira no DCE

O Mestre Joãozinho vem dando animadas aulas de capoeira no salão Beta, à 2ª, 4ª, 5ª feira, das 16 às 18h e das 18 às 20h. O preço da mensalidade é de Cr\$ 5 paus (afinal, algo barato!). Ah, também tem aula de berimbau pra quem quiser.

Dança Afro e Luta Oriental

O Mestre Godô dá aulas de Dança Afro, também no DCE, na 3ª e 5ª feira, às 18 h. Além disso, tem aula de TAI-CHI-CHUAN no salão Beta, na 2ª, 4ª e 6ª feira, das 11 às 14 h. Como se vê, tem pra todos os gostos.

Abuso De Autoridade

Constrangedor episódio. Mais um capítulo da novela dos guardadores de carro. Aconteceu de manhã, na r. Ministro Godoy. O garotão estaciona o possante em 90 graus. Vem o menino e cobra Cr\$ 300 paus para guardar o carro. Discutem. Daí (tem várias testemunhas) o "aluno" tira uma carteirinha do Exército e passa a esfregá-la no rosto do garoto. Uma professora intervém e o "militar" deixa o menino ir embora. Na rua, resta o constrangimento de quem viu o episódio, um menino chorando mais essa violência e um fusca com placas KZ 6793 e com o decalque no vidro escrito "Comunicações do Exército". Comunicativo, não?

Novos Doutores

O programa de Pós em Psicologia Social realizou concurso para ocupação de 2 vagas para Doutor. Apresentaram-se 9 candidatas e foram escolhidos: **FULVIA ROSENBERG**; Doutora em Psicologia pela Univ. Paris, trabalha na Fund. Carlos Chagas. **CARLOS ALBERTO EMEDIATO**, Doutor em Educação por Stanford e professor em Psic. na Federal de Minas.

Gente Doente

Saiu o relatório acerca do uso do Ambulatório, ano passado. Dá pra verificar coisas interessantes. O total de atendimentos foi de 1.505 dentre os quais, 455 foi lá tomar medicação oral (comprimidos?), 217 foram fazer curativos e 197 foram tirar pressão (crise? que crise?). Houve inúmeros casos de alunos (196 exatamente), precisando de atendimento de emergência. Também o Dr. Sérgio deu 235 consultas. O curioso é que doença tem hora porque os horários mais procurados foram das 13 às 15 h e das 19 às 21 h. (taí as causas? serão os restaurantes? preguiça de trabalhar? estafa após um dia de trampo?).

Estágio na Abril

Durante o mês de janeiro cerca de 60 alunos de jornalismo (11 da PUC) fizeram um Curso de Extensão na editora Abril. Segundo a Carla, aluna recém-formada em nosso curso, "a experiência foi válida, com um grande índice de presença, todos os dias. Foi bom porque tivemos uma visão dos profissionais que atuam em diversas áreas, muitas das quais - como a de revistas - não apareceram na graduação. Eles pretendem, ao que parece, usar o 'know-how' aprendido com a gente, para aperfeiçoar esse tipo de curso. Embora tivessem acenado com a possibilidade de aproveitarem a gente, ninguém foi chamado", finaliza Carla.

Prêmio Anti-Nuclear

A tese "**Brasil: Estado Nuclear e Democracia**", defendida em novembro/83 por Carlos Girotti (em Ci.Sociais) recebeu homenagem da Câmara Municipal de Itanhaém, documentada numa placa alusiva e eventos ligados aos ideais da Paz Internacional e à preservação da Natureza.

Os Brasileiros

Quem viu a série "**Os Brasileiros**", pela TV Manchete, gostou muito. São 10 programas de 50 minutos cada tratando de temas como: malandragem, futebol, comida, crenças, relações raciais, Carnaval, festas, música e saudade. Tudo competentemente produzido pelo antropólogo Roberto da Matta. Este material começa a ser oferecido às universidades, sob forma de vídeo-cassetes tipo "VHS". Se você quiser programar este material em seu curso, telefone para 815-8200 e peça para falar com **Maria Convertino**, encarregada do programa "Os Brasileiros".

1ª Semana de Pesquisa

O DCE, através de sua Comissão de Ensino e Pesquisa, está organizando a **1ª Semana de Pesquisa da PUC (I SEPEPUC)**. Esta idéia nasceu, quando começamos a indagar, qual a importância da Pesquisa

em nossa formação profissional e como ela se insere no cotidiano dos currículos dos diversos cursos.

Esta semana tem como objetivos estimular o debate sobre a Universidade e seu papel perante a sociedade, aproximar a Pesquisa de nosso cotidiano e implementar a discussão sobre a realidade brasileira e o desenvolvimento da Pesquisa, principalmente no período pós-64.

A Comissão levou o projeto ao **CEPE (Conselho de Ensino e Pesquisa)** e foi aprovado como uma atividade para constar no calendário letivo de 1984.

A I SEPEPUC será realizada na **Semana da Universidade (de 20 a 24/08/84)** e contará com a participação dos estudantes de todos os cursos, turnos e períodos através dos trabalhos realizados em sala de aula ou aqueles apresentados em fim de semestre.

A participação será em dois níveis: **ouvinte e expositor** e serão oferecidos certificados de participação.

Serão sorteados **prêmios-incentivo** entre todos os participantes.

Além da apresentação dos trabalhos, serão realizados 2 grandes debates: — **Soberania Nacional e Universidade.**

— **1964-1984 — A Pesquisa Científica no País**

O prazo de inscrição dos trabalhos vai até **25/06/84 no DCE.**

Os trabalhos poderão ser de qualquer aspecto ou tema do curso.

Para a inscrição é preciso a apresentação do tema e um resumo com os aspectos a serem abordados (datilografados), além do preenchimento da ficha de inscrição.

O regulamento, bem como a programação serão publicados e distribuídos, **os interessados devem procurar o DCE.**

Convidamos todos os estudantes a participarem das reuniões de organização do evento. A próxima reunião será **dia 12/05/84, às 14 h, no Salão Beta (ao lado do restaurante). PREPAREM SEUS TRABALHOS!!!**

Teses

24/4 — **Apreciação do Processo e Produto do curso de Tecnologia em Encultura na Universidade Federal do Acre: Estudo Avaliativo**, de Maria Marlene Araújo, em Supervisão e Currículo. Orientou - Arlete D'Antola.

23/4 — **Imposto sobre serviços na Constituição**, de Marçal Justim Filho em Direito. Orientou: Geraldo Ataliba.

2/5 — **O cinema sem Planos de Comunicação e Semiótica**. Orientou: Maria Lúcia Braga.

2/5 — **O Milagre Maranhense: O homem a caminho da cidade. O caso do Coroadinho**, de Célia S. Martins de Serviço Social. Orientou: Evaldo Vieira.

10/5/ 14h. — **Uma Descrição Fenomenológica da experiência de crise existencial ou angústia**, de Luiz Ernesto Tapia em

Psicologia Clínica. Oriento: Yolanda Cintrão.

15/5/10h — **Mamografia na ginecomatía por Hanseníase**, de Nelson Olavo Mello em Medicina. Orientou: Walter Pontes. 18/5/9hs. — **Violência Simbólica e Poder Jurídico**, de Maria Celeste Santos em Direito. Orientou: Tércio Sampaio Ferraz.

25/5/9hs. — **Aspectos Preliminares da Lei Brasileira de Direito de Autor**, de José Juliano de Lima, em Direito. Orientou: José M. Arruda Alvim.

28/5/14h. — **Da Ação Teatral ao Teatro de Ação**, de Carlos Gardim em Comunicação e Semiótica. Orientou: Décio Pignatari.

Nossos Autores

• **Índios no Estado de São Paulo: Resistência e Transfiguração**, é o nome do livro que resultou da elaboração do roteiro de um áudio-visual do mesmo nome. São vários autores dentre os quais as nossas professoras de Antropologia, Lúcia Helena Rangel e Silvia Helena Borelli.

• **O Mundo do Menor Infrator**, de autoria dos profs. Edson Passetti, Maria Claudia Izique, Rinaldo Arruda, Tomiko Born e José J. Queiroz (organizador). Editado pela Cortez, este livro será lançado dia 28/5, na sede da FEBEM do Tatuapé.

• **Repensando a História**, organizado por Marcos da Silva, o livro levanta uma série de discussões sobre História, como objeto de pesquisa, de ensino e de conhecimento. Ele é escrito por dezesseis professores de História da rede oficial de ensino.

• **Pequenos Bandidos**, de autoria prof. Rinaldo Vieira Arruda (Antropologia do Básico) foi publicado pela Global. Apresentado como tese de mestrado o trabalho é fruto de anos de convivência do Rinaldo com menores infratores, seja em sua atividade individual de pesquisador seja em seu trabalho no Grupo de Trabalho Sobre o Menor do IEE-PUCSP.

Falecimento

Faleceu dia 28/2, na cidade de Valinhos (SP), o professor Luís Cintra do Prado, um dos fundadores do curso de Física da FFCL "Sedes Sapientiae", do

qual se originou o atual Departamento de Física da PUC. Sem a sua intervenção, permitindo o uso dos laboratórios da Escola Politécnica da USP pelas alunas do Sedes, entre 1939 e 1952, não teria sido possível o reconhecimento do curso. Foi sua também a iniciativa de organizar o acervo, na área de Física, da Biblioteca de Graduação do CCMFT.

Campeonato do DCE



Encerram-se dia 9/5 as inscrições para o Campeonato de Volei e Futebol de Salão entre salas de 1º e 2º anos (todos os cursos), promovido pelo DCE.

Os jogos serão realizados nos fins-de-semana nas quadras da Monte Alegre e DERDIC a partir de 13/5. Inscrições no Salão Beta, mas corra!

Professores: Concurso

A Universidade Federal de Mato Grosso abriu concurso para Professor Auxiliar-Referência I, em regime de 40 horas semanais, nas seguintes áreas: Psicologia da Educação, Ensino, História da Antropologia Cultural e Língua e Literatura Francesa. Inscrições de 9 a 18/5, em Cuiabá (podem ser feitas por procuração) e a taxa é de Cr\$ 30.000,00. As provas escrita e didática serão realizadas a partir de 11/6.

Maiores informações na Universidade Federal de Mato Grosso, pelos fones: (065) 312.4010 ou 312.4521.

Deficientes Auditivos

A DERDIC promove curso sobre "**O Processo de Prontidão para Crianças Deficientes Auditivas**" abrangendo aspectos físicos, sociais, psicológicos, de linguagem, operações cognitivas e funções psico-neurológicas. Serão 3 aulas, dias 12, 19 e 26/5, das 8 às 12 h. na DERDIC. Interessados procurem a Arlete, fone 549-9488, até dia 10/5.

Vitral Não Caiu



Calma, pessoal! O vitral do P. Velho, aquele lindíssimo, não caiu não! Ele foi retirado pela administração para ser reparado e, daqui uns dois meses, estará de volta para aguentar mais uns 50 anos de motos, alto-falantes, incêndios, invasões policiais, trombadas de pomba e reuniões da PUC.

Os vidros brancos que o estão substituindo só fazem aumentar sua falta, não é mesmo?



CURTAS

TUCA

Haverá uma mostra de Esculturas de Read Guirar, que deverá ficar no saguão superior e nos jardins defronte ao TUCA. A mostra irá de 8 a 27 de maio. • "CLICK — talvez abrindo mais a boca". A peça com apresentações de 5ª a domingo segue em cartaz até junho.

Futebol Das Diretas

O torneio Teotônio Vilela de futebol de salão, organizado pelos funcionários, foi vencido pela Contadoria na disputa em pênaltis. O time campeão: Luiz, Ronaldo, Ademir, Benê (que fez o "gol capiloton" que havia prometido), Miltinho, Mauro, Vladimir, Joel e o Miranda (que quase foi obrigado a jogar pela falta de fôlego do resto do time).

Identidade Social

Nos dias 17, 18 e 19/5 será realizado na PUC o II Encontro Interdisciplinar sobre Identidade Social, patrocinado pelos Programas de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Psicologia Social, Psicologia Clínica e o Depto. de Antropologia.

O tema geral do encontro deste ano será **Novas Perspectivas de Pesquisa sobre Identidade**, analisando as diferentes formas de tratamento dadas à questão da Identidade em diferentes áreas temáticas, com destaque para: "Identidade e Projeto Político", "Identidade e Memória" e "Identidade Brasileira".

O Encontro está aberto aos pesquisadores que desejarem apresentar seus trabalhos (pesquisas em andamento ou mesmo em projeto) que devem procurar **urgentemente** a Comissão Organizadora do Encontro pelo ramal 378 ou 222

CAMAFI Roubado

Pela quinta vez o CA de Matemática e Física foi roubado. O Camafi já sofreu vários arrombamentos, já botaram fogo nele, e agora roubaram as camisetinhas confeccionadas pela entidade. O Cláudio diretor do CA, nos informou que há mais de 3 semanas foi encaminhado um requerimento solicitando à Administração a colocação de grades, mas até agora não houve resposta.

Cineclube

O 16 & 35 CINECLUBE apresentará neste mês mais dois filmes de Georg Wilhelm Pabst, sempre às 20 h. no Tuquinho.

11 a 13/5 — **FRENTE OCIDENTAL 1918**, feito em 1928, em preto e branco, 87 minutos e sem legenda.

• 18 a 20/5 — **A TRAGÉDIA DA MINA**, de 1931, em preto e branco, 90 minutos e legendas em francês.



Desquite Amigável na FEA



Na assembléia de 10/4, da Faculdade de Economia e Administração ficou claro que os cursos de Administração e Economia querem se separar, formando duas Faculdades independentes.

Logo de início, as intervenções não deixaram margem a dúvidas: todos acham inviável uma Faculdade com 1/3 dos alunos da PUC ter uma única e tão pequena administração nos seus vários escalões. Falou-se também da inexistência de uma justificativa pedagógica para a união dos dois cursos numa mesma Faculdade e que na PUC, tradicionalmente, a Economia pertencia ao Centro de Ci. Humanas.

No final da assembléia decidiu-se levar a discussão às salas de aula e fazer um boletim sobre seu andamento. Além disso o Depto. de Economia realiza um Fórum de Debates sobre o tema no mês de maio. Pretende-se que a decisão de separar os cursos seja tomada até junho deste ano.

Vale lembrar que, se os cursos de Administração e de Economia estão aparentemente de pleno acordo com o "desquite", o mesmo não acontece com os cursos de Contabilidade e Atuárias, pouco veementes na defesa da proposta e, inclusive, levantando argumentos contrários à desvinculação.

Bem-vindos à Vida

• 15/3 — **João Felipe**, filho do Jânio e da Lúcia (diretores do DCE)
• 03/4 — **Joyce**, filha do Valdemir Antonio (Gráfica PUC)
• 11/4 — **Venício Sérgio**, filho da Maria da Graça (Aluna de Economia)

Documentos Perdidos

O Eraldo dos Santos Soares, aluno de Direito (3º D, manhã) perdeu a Carteira de Identidade e a de Motorista. Quem achou pode entregá-las na sala 211 ou telefonar para 280-5286.

Anúncios Populares

1 — **PENSIONATO PARA MOÇAS**: alto luxo, para estudantes ou executivos, com ou sem refeições. Fornecemos refeições avulsas, comida de primeira. Tratar rua Ministro Godoy, 1137 com Ana Maria. Fone: 65-3893.

2 — **PENSIONATO DE LUXO**: para estudantes ou executivas, só com refeições. Tratar rua Caiuby, 443. Fone: 864-6600.

3 — **QUARTOS E VAGAS**: de luxo, para senhores e rapazes de fino trato, com ou sem refeições. Tratar rua Caetés, 74, próximo à PUC-Perdizes. Fone 864-3540, falar com Glória.

4 — **VAGAS** para moças, em frente à PUC. Tel. 872-2877 (c/ Tânia).

ALUGA-SE um quarto mobilado nas proximidades da PUC para moça que estude ou trabalhe na PUC. Tratar: 263-6717.

Sessão Maldita

1 — **MORANDO NA PUC**: por uma questão de hora de fechar o Prédio Velho, já teve professor que — após uma sessão de uivos não ouvidos — teve de se conformar a dormir na sala de sua equipe. Outros docentes, encontraram uma saída — menos honrosa — pela lixeira. Outros ainda, se vêem obrigados a abandonar ao prédio às pressas, deixando o material para ser pego dia seguinte.

O curioso é que — ao que parece — o porteiro só aparece às 23.30 h, hora de fechar o Prédio Velho...

2 — **GRAFFITI CULTURAL**, observado na Bienal do ano passado. É o seguinte:

— "To be is to do" (Kant);
— "To do is to be" (Sartre);
— "Do-be-do-be-do" (Sinatra).

3 — Esta tirada — poética — é do meu filho, que nas férias aprendeu a ver horizontes e figuras nas nuvens. Num dia belo, ele se vira e aponta pro alto: "olha lá o mar que o céu construiu!" (Esse garoto vai longe!)

4 — **EXEMPLO VEM DE CIMA**. Vai aí um recado de um subalterno atormentado ao seu chefe: "Em lugar público ou de trabalho, NÃO SE ASSOBIAM" (... nem se fica discursando na hora do serviço, acrescentamos nós).

5 — **ESTUDANTE PASSA FONE**: anunciamos que o DCE estava distribuindo 15 bolsas de alimentação. Pois a demanda foi enorme: apresentaram-se nada menos que 150 candidatas! Que país é este?

Trabalhas na Casa?

Tem um grupo de cerca de 100 pessoas que, embora trabalhando em projetos da PUC, têm sérias dúvidas acerca de sua situação funcional. São os "Técnicos Universitários", que realizam trabalhos na periferia ou produzem pesquisas junto ao Instituto da PUC (ou Órgãos Complementares). Segundo os Técnicos Universitários, a própria PUC ao longo dos últimos 5 anos tem encontrado dificuldades em tratar da questão: alguns são enquadrados como professores; outros como funcionários; há os autônomos (e vários são N.D.A...). Existem ainda profissionais especializados — médicos, jornalistas, audiólogos, psicólogos, etc — contratados em regime de CLT para responder a necessidades específicas de setores da PUC. Contudo, eles nem se localizam no Quadro de Cargos e Salários (que se aplica aos funcionários) nem na Carreira do Magistério.

ONDE TUDO COMEÇA?

Talvez a raiz de tudo esteja na forma como cresceu o setor de prestação de serviço nesta Universidade. Vários Serviços surgiram através da iniciativa de pessoas que produziam um projeto baseado em verbas de entidades financiadoras. Terminado o projeto, iniciava-se outro e as pessoas iam ficando, com formas de contrato de trabalho muito variáveis. Assim nasceram vários Institutos, cada um com uma história diferente, cujas propostas acabaram sendo assumidas de alguma forma pela estrutura institucional da PUC.

Segundo os Técnicos Universitários, esta situação poderá trazer sérios problemas para a PUC frente à Justiça do Trabalho: "até agora não aconteceu, mas se um Técnico for à Justiça, certamente ganha a causa". Eles consideram injusta a sua situação profissional, marcada pela insegurança e impossibilidade de ascensão dentro de uma carreira. E não é só isso: "não temos representação nos Órgãos Colegiados nem fazemos parte de um colégio eleitoral fixo para eleição de Reitoria. Assim, já estamos brigando para ter um representante no CECOM e no CAF, mas ainda não veio resposta".

QUE FAZER?

Os Técnicos Universitários já vêm se reunindo há tempos. Um primeiro passo já foi dado pelo projeto de Estatuto, que define o Técnico Universitário. Mas o Estatuto aguarda aprovação no CFE... Existe ainda uma "Comissão Intercolégio sobre os Serviços" proposta pela Reitoria, que procura equacionar de forma mais ampla uma política de Serviços para a PUC. Nesta comissão poderá ser tratada a questão dos Técnicos. Estes, não ficam parados e vão elaborando suas propostas.

E tem mais uma brecha. Como o ano é eleitoral na PUC os Técnicos Universitários (repetimos: são 100!) já firmaram posição: seu voto só irá para o candidato cuja plataforma encaminhar sua situação. Assim, eles aproveitam o momento político de uma re-avaliação de caminhos, para discutir com toda a comunidade as possíveis soluções.

Curso em Brasília

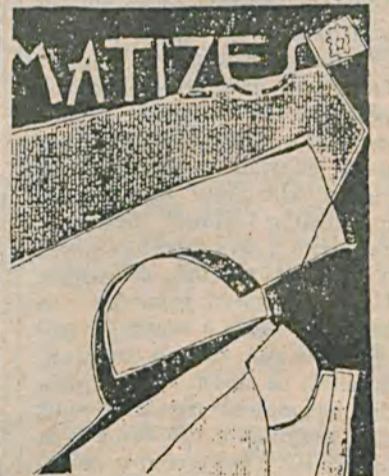
O GEP (Grupo de Educação Popular do URPLAN), através do sociólogo **Hamilton Farias**, assessorou um curso de formação sindical promovido pelo Sindicato dos Bancários de Brasília. O GEP vem participando da estruturação de vários cursos semelhantes, particularmente junto aos sindicatos dos Bancários e dos Químicos, com os quais editou um caderno com as linhas gerais de conteúdo e métodos pedagógicos a serem adotados.

Defesa do Tietê

Será lançado dia 10/5, no Centro Cultural de São Paulo (Estação Vergueiro do Metrô) o "Movimento Pró-Tietê" visando a recuperação deste rio, que corta o Estado de São Paulo, e a preservação das áreas ecológicas às suas margens.

O movimento, que reúne a Associação dos Funcionários do Centro Cultural, entidades ecológicas e representantes da sociedade civil está aberto à participação de todos. Os interessados devem procurar maiores informações no próprio Centro Cultural ou pelo telefone 270-8285.

Revista da PUC



A nova capa da Revista da PUC será esta aí em cima (pena que o PORANDUBAS não seja a cores!), só que com outro título: **VEREDAS**. A grande vencedora do concurso foi Estela Maria Leme Alvarenga, aluna do 11º período de Psicologia que faturou a capa e o título também.

O concurso promovido pela revista da PUC foi o maior sucesso, concorreram 17 capas completas (já com título) e mais 39 nomes!

Dentro em breve sairá o fascículo 101 da Revista da PUC, já de nova capa e novo título. Aguarde!